



HISTÓRIA SUBMERSA

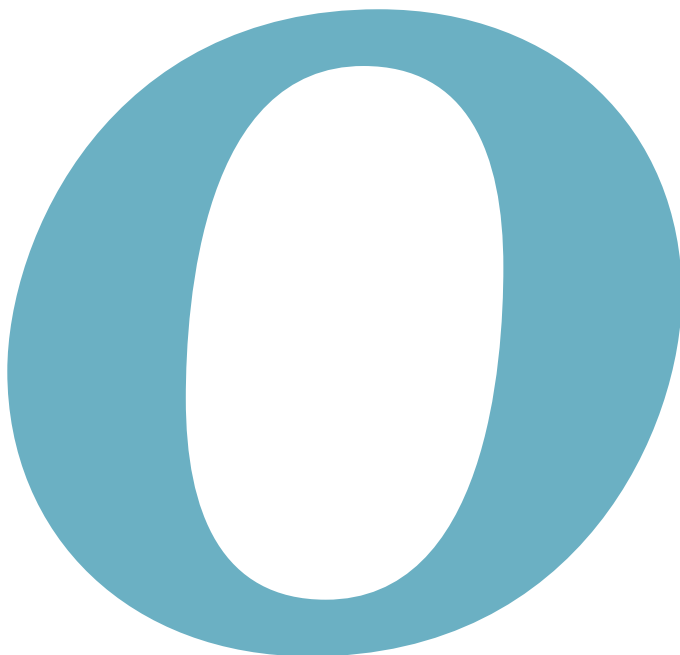
Portugal tem um dos patrimónios mais valiosos (e cobiçados) do mundo, à espera de ser estudado, no fundo do mar. Ao longo da nossa costa existem registos de mais de 5 000 naufrágios com interesse histórico – das naus dos Descobrimentos, carregadas com tesouros do Novo Mundo, aos navios afundados em combate nas duas guerras mundiais. Mas no Ministério da Cultura não há, neste momento, um único arqueólogo subaquático

 PATRÍCIA FONSECA



“Aqui Há História”

O *Jornal da Noite* da SIC contará, neste mês de julho, todas as quintas-feiras, quatro histórias escondidas dentro da História. Aurélio Faria e Amélia Moura Ramos mergulham nos destroços de navios naufragados no último século, na costa portuguesa



O dia amanhecia sob um céu de cinza-chumbo, como se carregasse as mágoas do mundo, e o mar espalhava a sua espuma de raiva pela praia. Começava um novo ano: 2014. Mas o clima não era, de todo, de festa.

A tempestade *Hércules*, com os seus ventos ciclónicos, criou ondas acima dos 15 metros que abocanharam pedaços de terra ao longo da costa, inclementes.

Naquela manhã de janeiro, na praia do Belinho, em Esposende, o escultor Luís Miguel Calheiros cumpria a sua caminhada diária, observando os estragos causados pelo temporal, quando reparou num estranho objeto na linha de rebentação. Parecia um capacete metálico. Nunca vira nada assim. Mas depois viu outro. E outro.

Poderiam aquelas peças ter alguma ligação com os pelouros em pedra (munições de canhão) encontrados na mesma praia por João Sá (seu cunhado e também escultor), a algumas centenas de metros daquele local, no ano anterior? Foi chamá-lo. Com mais dois familiares – Alexandre Sá e Emanuel Sá –, começaram nesse dia a recolher os artefactos que a maré baixa revelava – incluindo pedaços de madeiras de grandes dimensões, nitidamente provenientes de um navio com séculos de história. Encontraram ainda mais “capacetes”: pratos em estanho e em latão, conhecidos como pratos de esmolos, com marcas que permitem estabelecer uma origem alemã ou flamenga, do séc. XVI.

João Sá contactou o Centro Nacional de Arqueologia Náutica e Subaquática (CNANS), em Lisboa, relatando o achado daquele dia. A Câmara de Esposende montou vigilância permanente ao local, que estava diariamente a ser “escavado”, não por arqueólogos, mas pela fúria do mar. Era preciso salvaguardar a recolha do material que ia sendo cuspidos para terra e evitar pilhagens.

TESOUROS

Muitos navios ibéricos, nos séc. XV e XVI, traziam cargas preciosas a bordo



500 MILHÕES

Valor estimado pela empresa americana Odissey dos tesouros retirados da *N.S. Mercedes*, e que tiveram de devolver a Espanha



22 TONELADAS

A *Nossa Senhora do Rosário* naufragou com um tesouro de ouro e prata nos seus porões, em Troia



16 CANHÕES

Junto a São Julião da Barra foi recuperada toda a artilharia da *Nossa Senhora dos Mártires*

Mar de histórias

Há navios que traziam ouro e prata do Novo Mundo para a Europa, naus da Carreira das Índias com novos sabores, vapores de carga, paquetes de passageiros, caça-minas da I Guerra: a epopeia de 20 navios, entre os mais 5 000 submersos na nossa costa

- Navio histórico
- Navio contemporâneo

AÇORES

BAÍA DE ANGRA DO HEROÍSMO
1552 - 1892
+ de 90 navios
Angra D Lidador

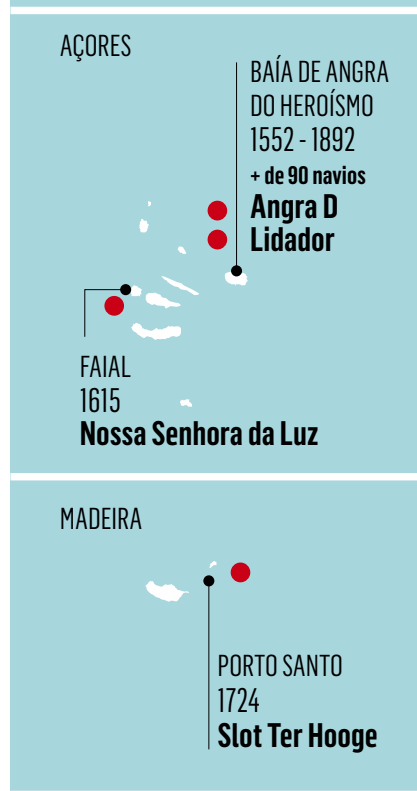
FAIAL
1615

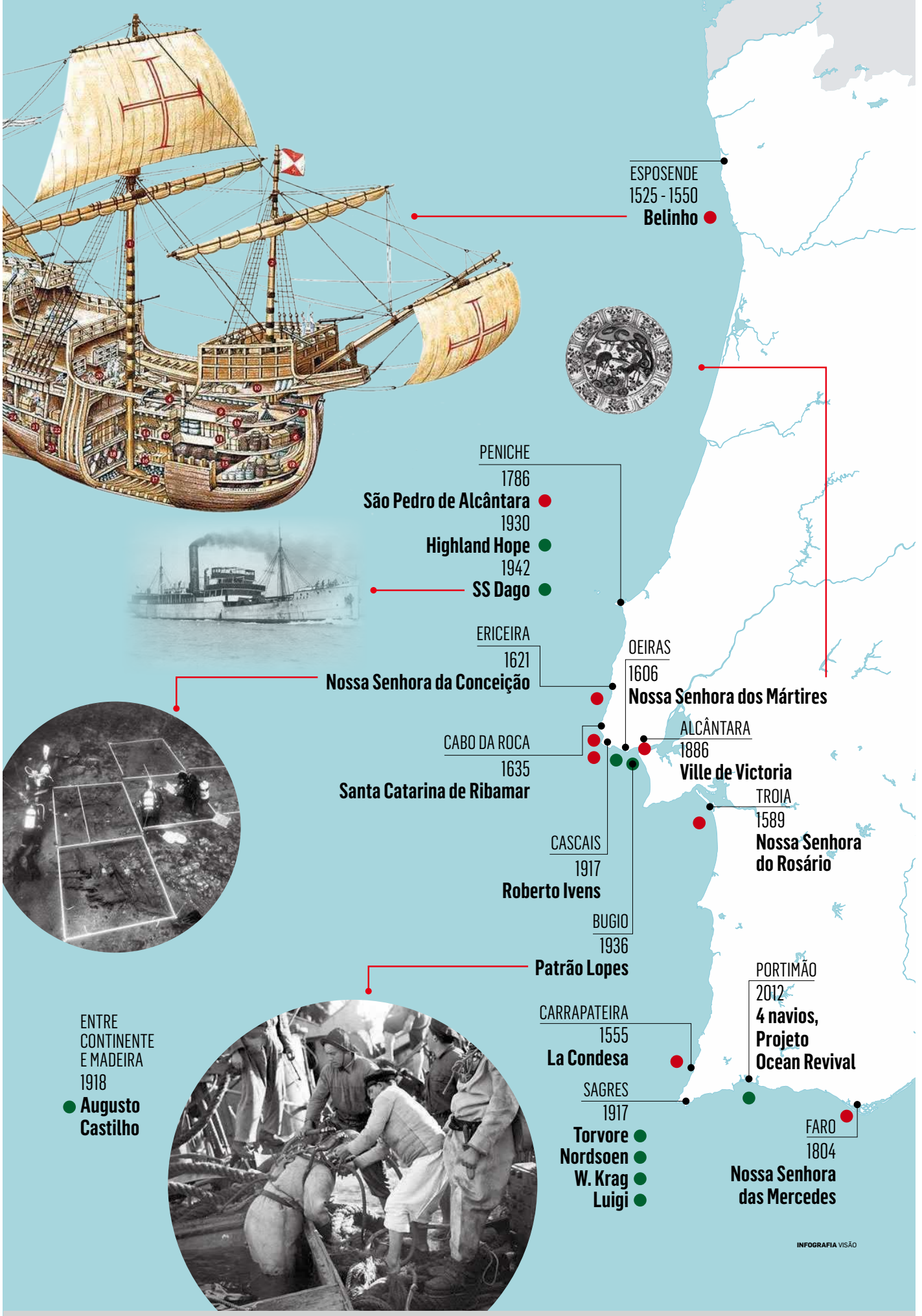
Nossa Senhora da Luz

MADEIRA

PORTO SANTO
1724

Slot Ter Hooge







A CHAVE-COLUBRINA

No ano seguinte, uma equipa multidisciplinar de investigadores, de várias instituições académicas, uniu esforços no âmbito do projeto europeu ITN Maria Curie ForSeaDiscovery (liderado por Rosa Varela Gomes, diretora do Instituto de Arqueologia e Paleociências da Universidade Nova de Lisboa, e Filipe Castro, mestre em Arqueologia Subaquática e professor na Universidade do Texas A&M). Em agosto de 2015, começaram a analisar-se as madeiras da embarcação, procurando determinar-se a sua idade. Os resultados preliminares indicam que se trata de carvalho português.

A chave determinante para a datação deste navio, ainda sem uma identificação cabal (os arqueólogos batizaram-no de *Belinho*, o nome da praia de Esposende onde naufragou), parece residir na sua artilharia – nomeadamente em duas colubrinas octogonais em bronze.

O “BELINHO” PODE SER UMA DAS MAIS IMPORTANTES DESCOBERTAS ARQUEOLÓGICAS SUBAQUÁTICAS FEITAS ATÉ AGORA EM PORTUGAL



ESPOSENDE “BELINHO”

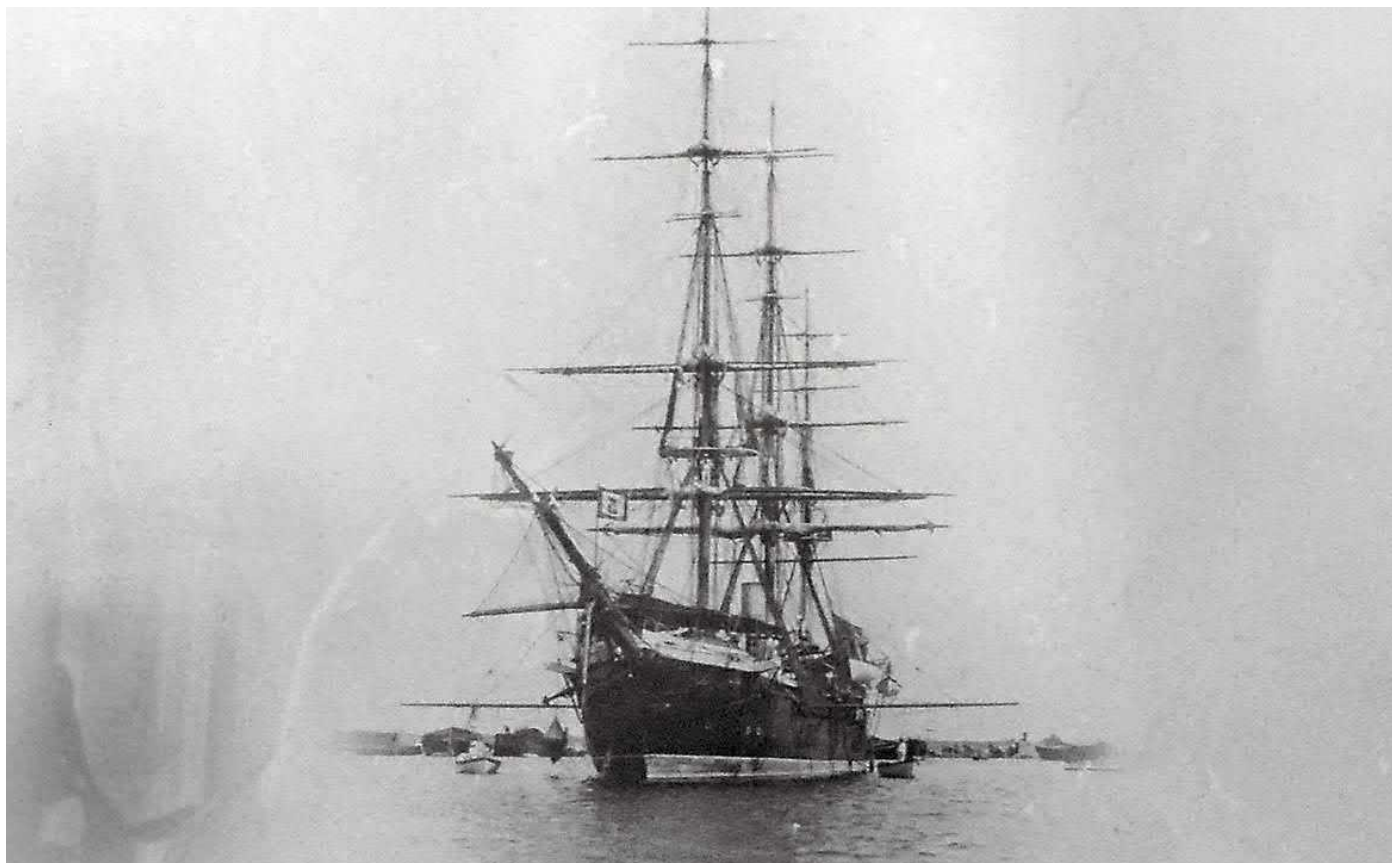
O local do naufrágio permanece quase intocado, 500 anos depois.

Os pratos de estanho são do séc. XVI; a colubrina só tem paralelo na nau *Bom Jesus*, da frota da Índia de 1533

“Este tipo de boca de fogo foi apenas usado a partir de 1500 e saiu de cena por volta de 1550”, explica Alexandre Monteiro, arqueólogo subaquático do IAP da Universidade Nova de Lisboa, que voltou a mergulhar em maio deste ano no local. Não foi possível identificar nenhuma marca nos canhões, devido à posição em que se encontram depostos. Os investigadores esperam que, ao retirarem as peças de artilharia (o que acontecerá nos próximos dias), seja possível descobrir as armas de uma casa real ou a epígrafe do fundidor.

Há um outro pormenor que aponta para uma datação na primeira metade do século XVI: uma colubrina octogonal, em tudo similar a estas, foi identificada no naufrágio da nau portuguesa *Bom Jesus*, na Namíbia. Este foi um dos mais importantes achados arqueológicos do século, quer pela importância histórica de se tratar de uma nau da frota da Índia de 1533 quer pelas moedas de ouro e lingotes de prata que levava a bordo, valendo mais de 20 milhões de euros.

No caso do *Belinho*, o que faz brilhar os olhos dos arqueólogos é outro tipo de tesouro. “Este naufrágio poderá constituir, sem grandes margens para dúvidas, uma das mais importantes descobertas arqueológicas subaquáticas feitas até agora em Portugal. Estamos perante o primeiro naufrágio quinhentista em águas portuguesas a ser encontrado praticamente intocado desde a sua perda; o único a produzir artilharia em bronze; e o mais capaz de conter ainda em si todo o espólio de um navio dessa altura: astrolábios, compassos de navegação, armamento coletivo e pessoal, numismas, carga, possessões individuais dos marinheiros e, claro, o próprio casco,



que tudo leva a crer ser ibérico, espanhol ou português”, lê-se no relatório preliminar preparado em maio passado pela equipa de arqueólogos Ana Almeida, Filipe Castro, Alexandre Monteiro e Ivone Magalhães, e entregue na Direção-Geral de Património e Cultura (DGPC).

CEM ANOS DEPOIS, A HOMENAGEM

Alexandre Monteiro mergulhou também nos últimos meses ao largo de Cascais, com o historiador Paulo Costa e o apoio do navio hidrográfico da Marinha, para localizar o navio *Roberto Ivens*, afundado por uma mina alemã em 1917, no decorrer da I Guerra Mundial. Perderam a vida 15 elementos que seguiam a bordo, incluindo o comandante, o primeiro-tenente Raúl Cascais. Sobreviveram sete ocupantes, entre eles Tiago Gil, que escreveu ao presidente da Sociedade Histórica da Independência de Portugal, em 1953, lamentando que não fossem estendidas aos homens do *Roberto Ivens* as mesmas homenagens prestadas aos homens que morreram a bordo do navio *Augusto Castilho* (afundado por um submarino alemão, em 1918). “Parecia-me interessante que um ou mais navios pudessem, na data do aniversário do afundamento, ir ao local do sinistro e, depois de uma palestra aos novos marinheiros, lançar flores à água (...). Seria essa manifestação o patriótico reconhecimento aos que bem souberam honrar Portugal, morrendo com o seu nome nos lábios e no espírito a ideia da sua imortalidade.”

Este ano, a 18 e 19 de julho, a Marinha de Guerra Portuguesa evocará o centenário do afundamento do *Roberto Ivens*, realizando



CASCAIS “ROBERTO IVENS”

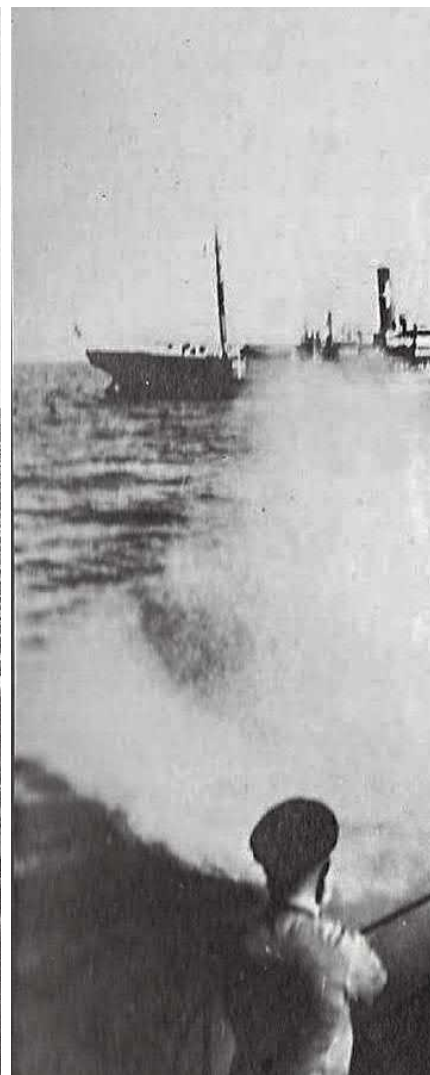
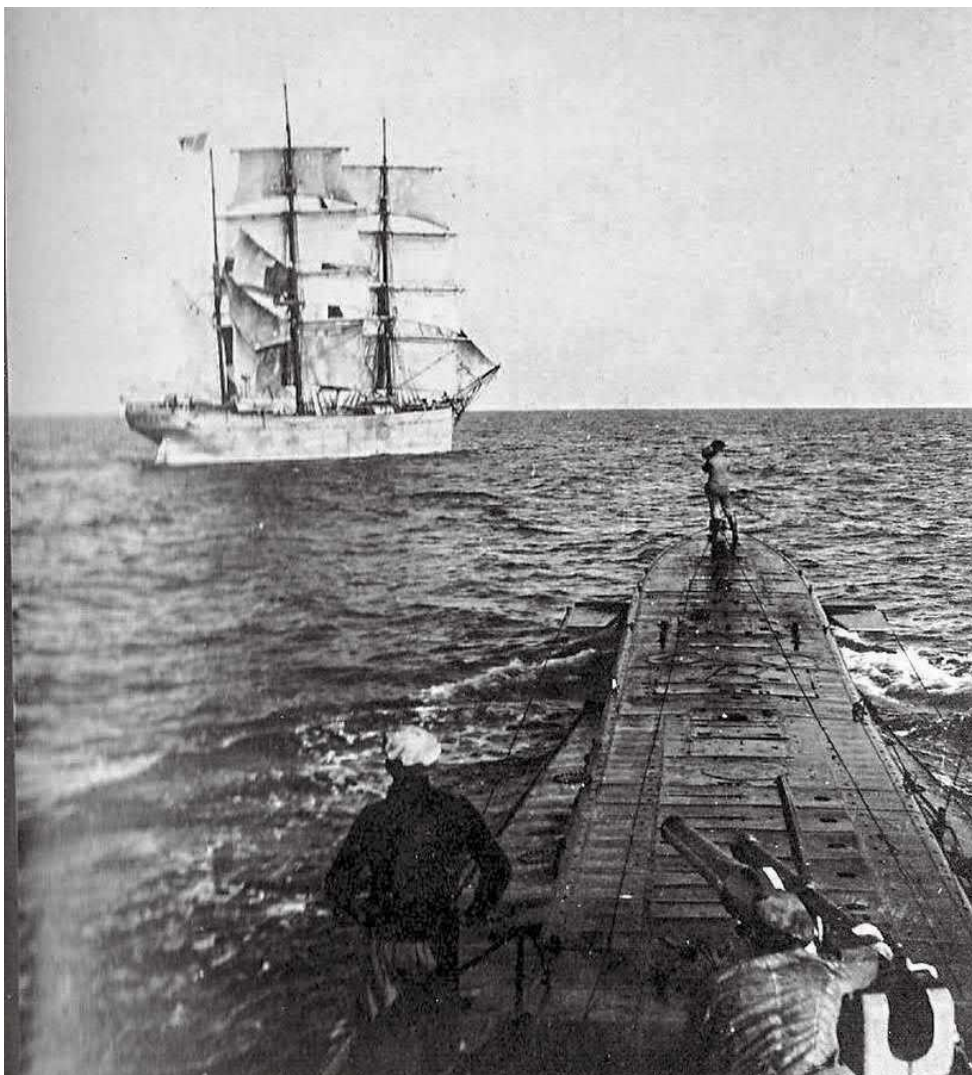
Ficou partido em dois ao embater numa mina alemã, em 1917. Morreram 15 dos 22 tripulantes. A 19 de julho, a Marinha fará uma homenagem

uma conferência e prestando pela primeira vez honras fúnebres aos homens que ali morreram há 100 anos. E ficará assim cumprido o desejo do “inválido de guerra” Tiago Gil.

As mais solenes homenagens foram também prestadas em Sagres, a 24 de abril deste ano, por vários ramos das Forças Armadas, membros do governo e representantes diplomáticos europeus, junto ao local onde foram afundados quatro navios civis, em 1917, pelo submarino alemão *U-35*. Os destroços destas embarcações passaram a estar classificadas pela UNESCO como Património Cultural Subaquático da Humanidade.

A história do ataque do impiedoso comandante alemão Lapiere, bem como a façanha do pequeno rebocador *Galgo*, ao serviço da Marinha portuguesa, que resgatou ao mar os





tripulantes dos navios naufragados, é o tema central de um episódio da SIC, de uma série de quatro reportagens especiais sobre naufrágios, a serem emitidas todas as quintas-feiras de julho, no final do *Jornal da Noite*.

Aqui Há História mergulhará primeiro no *Highland Hope*, que, nos anos 30, encalhou nos Farilhões, junto às Berlengas. Quase 90 anos depois, é ainda possível reconstituir a noite em que meio milhar de passageiros foram salvos pelos pescadores de Peniche – os mesmos que acabaram por ficar com parte do recheio do navio que ligava a Europa à Argentina.

Na foz do Tejo, junto ao Bugio, a SIC mostrará o que resta do *Patrão Lopes*, o navio herói do salvamento nacional, que se perdeu à vista de Lisboa em 1936. O último mergulho transporta-nos à II Guerra Mundial, ao afundamento de um cargueiro britânico ao serviço do esforço de guerra, o *SS Dago*, atingido por um bombardeiro alemão que, violando o espaço aéreo português, saiu de França, sobrevoou Espanha e desferiu um ataque aéreo sobre o *SS Dago*, ao largo de Peniche.

A PIMENTA COM 500 ANOS

Regressemos ao presente, e à costa massacrada pela guerra das alterações climáticas e da erosão. Em Esposende, os trabalhos



SAGRES O TEMÍVEL “U-35”

O comandante alemão Lapiere foi responsável por uma série de baixas nas frotas comerciais e militares ao largo do Algarve, em 1917. Os ataques foram todos filmados.



para garantir a salvaguarda do património do *Belinho* irão prosseguir durante o verão, sendo certo que haverá anos de trabalhos pela frente até ser possível juntar todas as peças do puzzle que, a pouco e pouco, se foram espalhando pelas instalações destinadas pela Câmara de Esposende para catalogar e conservar este espólio. Até porque, ao recolherem os mais de 80 fragmentos de madeira desta embarcação quinhentista, os arqueólogos depararam-se com outro tipo de vestígios que não podiam ignorar. Foram já recuperados mais de 900 fragmentos de ânforas da época romana, correspondentes a um naufrágio ocorrido no mesmo local, mas mil anos antes.

Apesar da imensidão do mar português, os locais naturalmente traiçoeiros para as embarcações mantiveram-se praticamente inalterados ao longo dos séculos.

É isso que explica a existência de mais de 90 navios naufragados na aparentemente acolhedora Baía de Angra do Heroísmo, ponto de abastecimento obrigatório na viagem entre o Novo Mundo e a Europa.

Junto às escarpas do Monte Brasil há um verdadeiro cemitério com dezenas de âncoras – hoje um parque arqueológico subaquático, acessível a mergulhadores de recreio. Em muitos casos, só esses gigantes



de ferro ficaram como prova material de que ali se despedaçaram tantos navios contra as rochas. Depois de um dia de tempestade, relatam as crônicas dos séculos XVI e XVII, havia pedaços de madeira a dar à costa durante dias a fio. Ainda hoje, quando o vento

**"É PRECISO
PRODUZIR
DOCUMENTAÇÃO QUE
DETALHE O VALOR
POTENCIAL DOS
SÍTIOS SUBMERSOS,
A SUA SITUAÇÃO
EM TERMOS
DE AMEAÇAS E
OPORTUNIDADES",
AFIRMA FILIPE
CASTRO**



BUGIO "PATRÃO LOPES"

Navio-herói, saía da barra para fazer salvamentos quando todos os outros queriam entrar. Acabou por afundar-se à vista de Lisboa, em 1936

sopra de sul, os terceirenses dizem que está "vento carpinteiro".

Na baía da cidade, Património da Humanidade, subsistem, ainda assim, vários cascos de madeira de navios do séc. XVI e XVII, convivendo com estruturas mais modernas, de ferro, como é caso do vapor brasileiro *Lidador*, de 1872 – outro ponto de interesse acessível a turistas com vontade de explorar o fundo do mar.

Antecedendo as obras da marina ali construída em meados dos anos 90, foram realizados trabalhos de prospeção arqueológica para identificar e preservar o património submerso na área. Foi uma das primeiras grandes missões do Centro Nacional de Arqueologia Náutica e Subaquática, criado na ressaca da suspensão do Decreto-Lei 298/93, a chamada "lei de caça ao tesouro", nascida na secretaria de Estado da Cultura de Pedro Santana Lopes e revogada dois anos depois, no primeiro dia em funções do ministro da Cultura socialista, Manuel Maria Carrilho.

Depois veio a euforia da Exposição Mundial de Lisboa, em 1998, com o discurso da importância do papel de Portugal na abertura de novos mundos ao mundo, e a evocação do passado glorioso dos Descobrimentos, a assumir importância renovada nos discursos políticos.

O CNANS conduziu uma escavação junto ao forte de São Julião da Barra, em Oeiras, recuperando a história, mas também parte do espólio da nau *Nossa Senhora dos Mártires*, ali naufragada em 1606. Os 16 canhões desta nau que chegava de Cochim, naufragando à vista de Lisboa, foram expostos no Pavilhão de Portugal da Expo'98, bem como vários dos seus artefactos: um astrolábio, pratos de porcelana, jarras de Martaban e, até, grãos de pimenta da Índia, que permaneciam quase intactos, cinco séculos depois, em potes de cerâmica chinesa.

CNANS AO FUNDO

Na viragem do milénio, a situação de asfixia financeira do CNANS levou a que muitos dos seus colaboradores, contratados de forma precária ao longo de vários anos, comesçassem a procurar outros caminhos.

De corte em corte, de crise em crise, o Centro Nacional de Arqueologia Náutica e Subaquática está hoje despojado de financiamento e com os quadros reduzidos ao mínimo. O seu diretor desde a criação, Francisco Alves, jubilou-se em 2013. A partir daí, o organismo, dependente da DGPC e do Ministério da Cultura, ficou praticamente inoperante. Este ano, com a reforma do seu único especialista em conservação e restauro, sobraram dois assistentes técnicos e um técnico superior. Não há, na estrutura, um único arqueólogo subaquático.

A situação acabou por ser alvo de debate na Assembleia da República, tendo sido aprovada uma resolução, a 19 de maio deste ano, recomendando ao governo o “reforço de meios de funcionamento” deste organismo, recrutando “com urgência, os trabalhadores necessários para suprir as necessidades”, bem como “adquira os equipamentos indispensáveis” e “opera-

JUNTO AO MONTE BRASIL, EM ANGRA DO HEROÍSMO, HÁ UM CEMITÉRIO COM DEZENAS DE ÂNCORAS – HOJE UM PARQUE ARQUEOLÓGICO ACESSÍVEL A MERGULHADORES DE RECREIO



TERCEIRA CEMITÉRIO DE ÂNCORAS

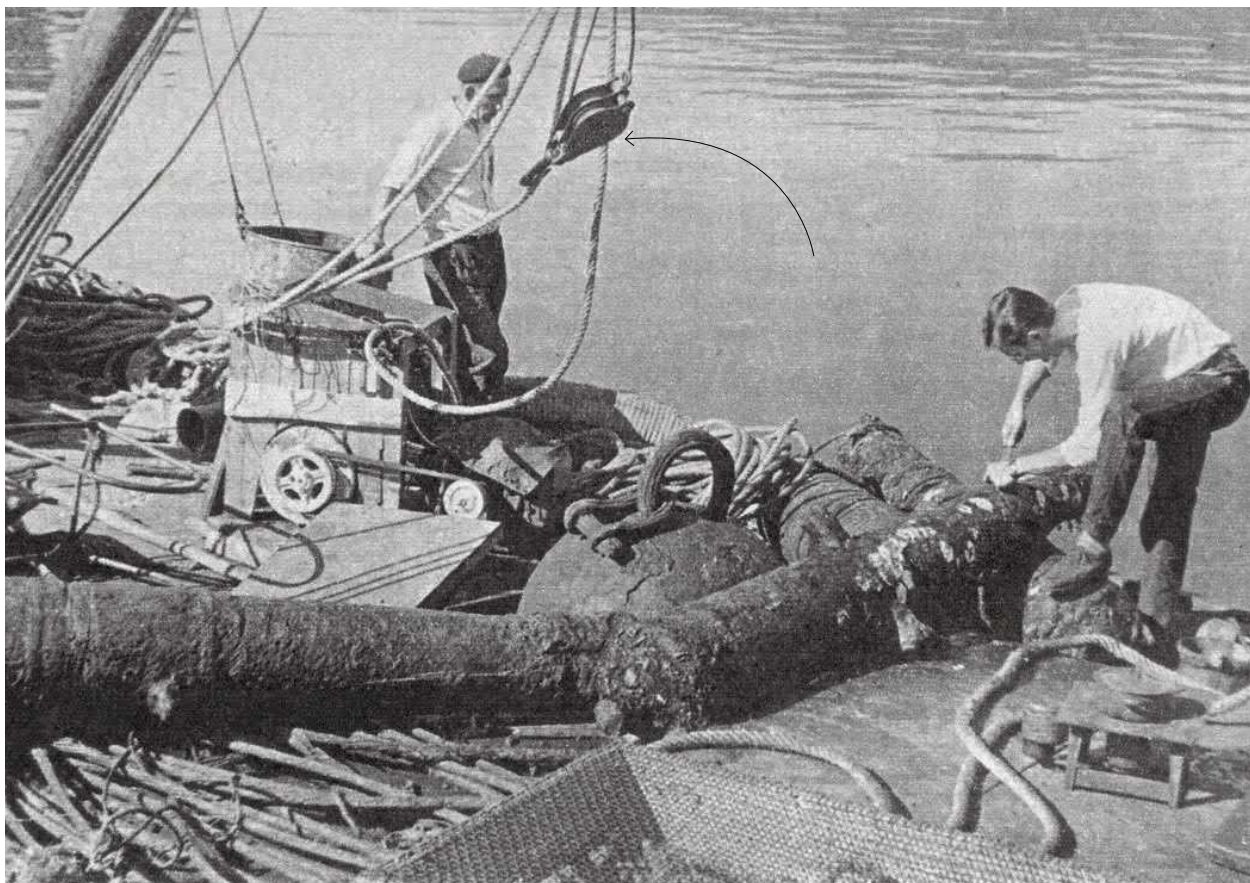
Na Baía de Angra nasceu o primeiro parque arqueológico subaquático do País. Os Açores já apostaram em mais zonas de mergulho com naufrágios

cionalize a frota de embarcações, atrelados e viaturas afetos à atividade do CNANS”. Tudo estava parado.

Com as obras do novo Museu dos Coches, o CNANS teve também de deixar as suas instalações na Avenida da Índia e mudar-se para umas instalações precárias, no Mercado Abastecedor de Lisboa (MARL), em Loures. Em resposta a uma pergunta do grupo parlamentar do PCP, o Ministério da Cultura admitiu que as condições daquelas instalações, onde o Estado pagará uma renda mensal de 22 mil euros, não são as ideais.

Contudo, a DGPC garantiu à VISÃO que todo o espólio à guarda do CNANS, nomeadamente as pirogas com dois mil anos recuperadas no rio Lima e a estrutura do *Aveiro A*, descoberto no Cais do Sodré (dois dos mais importantes achados arqueológicos do País), está salvaguardado, e que a mudança para novas instalações, já definitivas e mais adequadas às necessidades (em Xabregas), deverá ocorrer até final do ano.

Entretanto, foi aberto um concurso interno para um conservador, esperando a

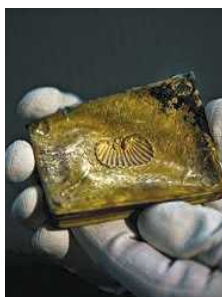


Caça ao tesouro Robert Sténuit mergulhou, em 1974, em Porto Santo, à procura da prata do navio holandês *Slot Ter Hooge*

DGPC que possa haver uma colocação no CNANS até final de julho. Para arqueólogos com especialização académica na área subaquática não há, contudo, qualquer previsão de contratação.

“Com um longo passado ligado ao mar, Portugal não tem conseguido estudar, preservar e divulgar o seu património cultural subaquático”, lamenta Filipe Castro, que chegou a ser vice-presidente do CNANS. “A agência estatal que controla a arqueologia marítima – a DGPC – assume sobretudo o papel de guardião do património e nunca desenvolveu uma visão ou um plano, compartilhou as suas intenções com o público, explicou as suas políticas, definiu regras claras ou anunciou uma estratégia para a gestão do património cultural subaquático no País. Não há uma visão de longo prazo”, considera.

Apesar de estar afastado do País há vários anos, dedicando-se sobretudo às atividades académicas nos Estados Unidos da América, Filipe Castro continua a colaborar nas investigações-chave que se vão realizando em Portugal, como é agora o caso de Esposende. E não deixa de ter as suas ideias claras sobre o que deveria ser feito. “É urgente promover o desenvolvimento de uma base de dados nacional específica dos sítios arqueológicos submersos, com um diagnóstico da situação global e prognósticos por município, com



FARO “MERCEDES”

O navio espanhol *Nossa Senhora das Mercedes* estaria em águas portuguesas quando foi “explorado” por uma empresa dos EUA

planos de ação concretos e orçamentos de emergência. Por outras palavras, é preciso produzir documentação que detalhe o valor potencial dos sítios submersos, a sua situação em termos de ameaças e oportunidades, apostar em cuidados paliativos e protetores, pesquisas ou intervenções intrusivas, e conhecer também os custos associados a não fazer nada.”

E SE?

Em Esposende, o mar continua, de quando em vez, a revolver os areais que capsulavam os despojos do *Belinho*, trazendo até à praia pedaços de uma história vivida há mais de 500 anos, e que até hoje ali permanecia desconhecida de todos, sepultada no silêncio das águas.

O que poderia ter acontecido se, em vez de quatro achadores conscientes da importância da preservação deste espólio, tivesse cruzado o areal da praia um dos muitos caçadores de tesouros que sempre rondaram a nossa desprotegida costa? O que seria dos restos daquele navio quinhentista se, em vez de uma autarquia empenhada no investimento na proteção do seu património cultural, os seus mastros tivessem rolado até aos pés de alguém que veria apenas pedaços de madeira velhos e podres? Como se poderia salvar o que ali permanece, se não tivesse sido reunida uma equipa internacional de académicos disponível para arregaçar as mangas?

Talvez nunca viéssemos a saber da existência do *Belinho*. E tanto de nós seria levado nas ondas vorazes da ignorância. ■■



ID: 70299625

06-07-2017

A NEWSMAGAZINE MAIS LIDA DO PAÍS

WWW.VISAO.PT

N.º 1270 . 6/7 A 12/7/2017 . CONT. E ILHAS: €3,20 . SEMANAL

BIOLÓGICOS
PESTICIDAS
SEM ANÁLISES
OBRIGATÓRIAS

INCÊNDIOS
"PATRÃO" DOS
HELICÓPTEROS
DENUNCIA
NEGÓCIOS
DO FOGO

VISÃO

Se7e
ALGARVE
NOVIDADES,
RESTAURANTES,
BARES, DISCOTECAS,
PASSEIOS

FOTO: LUIS QUINTA

TESOUROS DO MAR PORTUGUÊS

Há mais de 5000 navios naufragados na nossa costa que escondem segredos da História.
Mergulho a um património submerso com muito por explorar

→ Destroços do 'Torvore', ao largo de Sagres



LIVRO GRÁTIS
(Se não estiver colado
peça na banca)



DVD A GUERRA DOS TRONOS
6ª Série - Disco 3
€5,95 cont.